



Grupo temático  
MERCADOS

v. 15, n. 7, julho 2020

## Reflexões sobre as Exportações de Carnes Agora e Pós-Covid-19

O Brasil tem grandes expectativas de se tornar cada vez mais um *player* importante no mercado internacional, principalmente nas exportações de proteína animal e grãos, colocando-se como parceiro essencial para atender às demandas por alimentos, sobretudo para a China.

Esta é a expectativa no documento divulgado no dia 29 de junho pela Federação da Indústria do Estado de São Paulo (FIESP), no qual estima o crescimento da participação do Brasil nas exportações mundiais. Para as proteínas animais, o impulso maior deverá ser para a carne de frango, que deve crescer de 36% para 44%, e para a carne suína, que pode alcançar 10% de ampliação. Para a carne bovina, a expectativa é de manutenção em 18%, frustrando as perspectivas do setor de crescimento das exportações, principalmente para o mercado chinês, em função da peste suína africana que dizimou seu rebanho de suínos e trouxe nova demanda do país por carne de boi<sup>1</sup>.

Nos últimos dias, fatos deixaram o setor de carnes preocupado, em função de notícias veiculadas sobre vetos às carnes de frigoríficos dos Estados Unidos e Europa.

A questão sanitária de animais e de pessoas, após o surgimento do covid-19, é cada vez mais fundamental na agenda de todos os países, haja vista a postura que a China<sup>2</sup> passou a tomar em relação às compras de carnes nos últimos dias, com o retorno de casos dessa doença em seu território.

No Brasil, primeiramente ocorreu a interdição do frigorífico da Marfrig (2ª maior indústria de carne do país) em Mineiros (GO), por determinação do Ministério Público, fato que foi contornado após a empresa apresentar o protocolo de segurança que adotou e testar os funcionários<sup>3</sup>.

Em Rondonópolis (MT), o frigorífico Agra resolveu por conta própria suspender suas atividades, após detectar 92 funcionários contaminados com o coronavírus. Isso bastou

para a China suspender as importações da empresa. O frigorífico logo tomou as providências necessárias e voltou a funcionar normalmente, com a expectativa de que a China suspendesse o bloqueio<sup>4</sup>.

Em 29 de junho, o Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) informou que mais três frigoríficos brasileiros foram desabilitados, sem que a Administração Geral das Aduanas da China (GACC, em inglês) apresentasse justificativa. Segundo informações, a China atualizou a lista de frigoríficos autorizados a exportar para o país, oficializando a suspensão temporária de mais dois abatedouros brasileiros: a unidade da Marfrig, em Várzea Grande (MT), e a Minuano, em Lajeado (RS), que passaram a estar temporariamente impedidas de exportar seus produtos para o país asiático<sup>5</sup>.

Com isso, foram desabilitadas quatro unidades frigoríficas: as unidades de Várzea Grande e Minuano, somadas à Agra e à unidade de abate de frango da JBS, em Passo Fundo (RS), as duas últimas já suspensas na semana anterior<sup>6</sup>.

Apesar de o país chinês não ter esclarecido os motivos, o que se sabe é que os frigoríficos suspensos têm casos de covid-19 entre seus funcionários.

O fato dos principais frigoríficos brasileiros (JBS, Marfrig e Minerva e a BRF, maior exportadora de frango no mundo e fornecedora também de carne suína) terem assinado declarações que foram requisitadas pelas autoridades chinesas, confirmando que suas exportações estão livres do coronavírus, pode ser entendido como fator negativo na interpretação das autoridades chinesas, que estão extremamente receosas em relação à transmissão do covid-19 pelas carnes<sup>7</sup>.

Para piorar, na sequência, os banqueiros brasileiros, colocaram em evento do setor o que foi nominado de “perigo ambiental” no país, reconhecendo, entre outras coisas, que temos feito pouco pela sustentabilidade. Apontou-se a preocupação com a repercussão que vem tendo o tema entre investidores estrangeiros, que advertiram que a questão ambiental pode ser motivo para deixarem de investir no Brasil<sup>8</sup>.

Merecem destaque, mais três ações: 1) representantes de empresas de investimento e pensão enviaram carta a embaixadas brasileiras na Europa, Japão e Estados Unidos com pedido de reunião para tratar do desmatamento na Amazônia; 2) carta de deputados do Parlamento Europeu enviada ao presidente do Congresso Nacional brasileiro, abordam a preocupação com medidas tomadas no país que podem pôr em risco o meio ambiente; 3) cinco entidades voltadas à preservação ambiental pediram que não seja feita a retificação do Acordo entre União Europeia e Mercosul, sem que antes haja um debate sobre o impacto ambiental, social e econômico do acordo<sup>9</sup>. Todas tocaram no tema do aumento do desmatamento e o descompromisso do governo brasileiro com a questão ambiental<sup>10</sup>.

Tais questões mostraram um impacto no discurso do governo brasileiro, que adotou postura mais suave em relação à questão ambiental, já que houve a percepção de que os impactos sobre a economia brasileira, frente às reservas colocadas sobre a questão ambiental, seriam drásticos.

Entretanto, pressões sobre as questões ambientais não cessaram e notícias recentes mostram que grandes frigoríficos não têm controlado a origem das carnes, muitas vindo de áreas de desmatamento amazônico. Isso é delicado, pois vários frigoríficos, entre eles JBS e Marfrig, assinaram em 2009 acordo com o Ministério Público Federal que “veda o abate de bois criados em terras indígenas, reservas ambientais e fazendas abertas sem licença ambiental ou flagradas com trabalho escravo”<sup>11</sup>. Tal fato é injustificável, já que há tecnologia para fazer este controle.

As suspensões de frigoríficos continuaram ocorrendo, estendendo-se também para processadoras de suínos.

Tudo que foi levantado é um sinal de alerta para o setor agrícola. Primeiramente, há necessidade de uma reflexão em um ponto que vem sendo repetido por parte da academia, de lideranças do agro e de analistas de mercado: a questão sanitária na produção dos alimentos cada vez mais ganhará destaque na pauta do comércio internacional e interno. Não só os governos farão exigências cada vez mais rígidas, criando inclusive barreiras sanitárias, como também a própria população será mais restritiva na escolha de alimentos, receosa de consumir produtos que possam ser transmissores de doenças.

Respostas do MAPA a questionamentos sobre atitudes dos países talvez deixem de ser eficientes, principalmente porque os casos de coronavírus têm disparado no Brasil e o combate à doença tem demonstrado displicência por parte da maioria dos estados, sem uma diretriz federal de combate à pandemia.

A proposta dos exportadores de carne de frango e suína ao MAPA de testar as carnes em todos os embarques para a China para provar que a carne está saudável e segura para o consumo<sup>12</sup> é ação positiva e pode gerar bons resultados no comércio, não só com os chineses, como também com outros países.

A questão ambiental já era posta pela UE e as últimas colocações de Ricardo Salles, ministro do Meio Ambiente, divulgadas recentemente, se revelaram ainda mais preocupantes para os países europeus, que viram em sua sugestão de “passar a boiada”, aproveitando o foco do momento na questão da pandemia, como ocasião oportuna para tomar uma série de medidas na sua pasta, uma ameaça à política ambiental que foi praticada pelo Brasil até tempos atrás.

Cabe ainda a reflexão do professor César Augusto de Aguiar, Consultor Sênior de Agências Multilaterais E Cônsul da República de Chipre em São Paulo, em webinar da FIA: “Quem vai financiar o atendimento das populações famintas do mundo?”<sup>13</sup>.

Segundo ele, o comércio internacional vai ter que mudar devido ao covid-19, pois 60 milhões de pessoas devem ir para a linha abaixo da pobreza e os países não terão condições de comprar alimentos para todos sem que haja ajuda de organismos internacionais, pois para atender a tantos deverão ser criadas novas fontes de financiamento. Ficará mais pobre 50% da população e o cenário será de 135 milhões de habitantes em crise alimentar<sup>14</sup>.

Este é um problema de dimensão global. A pandemia aumentou o empobrecimento, com elevação das taxas de desemprego e consequente redução de acesso a bens. Mesmo que a escassa renda seja voltada para a alimentação, não será suficiente para conter a fome.

No Brasil, com a redução de políticas sociais e desemprego, a situação dos indivíduos, com relação ao acesso aos alimentos, já se tornara uma questão preocupante. Com a covid-19, segundo previsões do economista Daniel Balaban, chefe do escritório brasileiro do Programa Mundial de Alimentos da Organização das Nações Unidas, não só o Brasil pode ver a volta da extrema pobreza, como também haverá cerca de 130 milhões de pessoas no mundo nessa situação, além ter a possibilidade de dobrar o número de pessoas com fome crônica<sup>15</sup>.

Isso vai ao encontro das palavras do professor Aguiar: com a crise econômica mundial quem serão os produtores de alimentos e quem será a fonte pagadora destes? Ou seja, não será fácil vender alimentos, mesmo sendo um importante país produtor agrícola, por falta de recursos e uma extensão absurda de fome que deverá ocorrer e que não será resolvida com soja, milho e proteínas caras, o grande foco de nosso mercado.

Todos esses fatores podem fazer com que as previsões divulgadas pela FIESP não se concretizem. É importante que o setor agroindustrial esteja atento e tome ações certas e necessárias sobre a questão sanitária animal e de seus funcionários, levando isso a sério. Também deve assumir posições firmes em relação ao desmatamento da região amazônica, pelo qual ele tem sido frequentemente responsabilizado, e passe a agir na preservação da floresta, pressionando o governo federal a tomar medidas urgentes com ações efetivas que combatam incêndios e evitem a presença de madeireiros na região, garantindo a proteção das comunidades indígenas e tradicionais, que também são motivo de preocupação de vários parceiros comerciais.

Se isso não ocorrer, não só a agropecuária e a agroindústria brasileira vão perder, deixando de exportar um volume considerável de produtos, como o país todo. Além do

impacto na balança comercial, deixaremos de ter investimentos, dificultando ainda mais a recuperação econômica do Brasil e levando grande parte da população, já extremamente vulnerável, a condições mais complicadas, arrastando-as a um estado de miserabilidade imenso.

A pandemia mostrou que as ações humanas têm sido danosas ao planeta e, portanto, ao ser humano. Sua dimensão tem relação com ações irresponsáveis dos governantes com conivência de parte da sociedade, o que contribui para desencadear problemas que devem crescer mais após o covid-19. Outras questões surgirão se governos e lideranças mundiais não tomarem decisões responsáveis que mitiguem os efeitos das ações globais sobre a humanidade e auxiliem as economias a se recuperarem.

<sup>1</sup>Outlook FIESP - Projeções para o agronegócio brasileiro 2029. **Federação das Indústrias do Estado de São Paulo-FIESP**. São Paulo: FIESP, 2020. 84 p. Disponível em: <https://apps.fiesp.com.br/flipbook/files/assets/basic-html/page-1.html>. Acesso em: 9 jul. 2020.

<sup>2</sup>DYNIWICZ. L.; SCHELLER. F. China veta carne de unidade dos EUA. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, Caderno de Economia, p. B6, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/06/23/china-veta-carne-de-unidade-dos-eua.htm>. Acesso em: 2 jun. 2020.

<sup>3</sup>MENDES, L. H. Programa de testes de covid-19 em funcionários evita interdição de frigorífico da Marfrig em Goiás. **Valor Investe**, São Paulo, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/renda-variavel/empresas/noticia/2020/06/23/programa-de-testes-de-covid-19-em-funcionarios-evita-interdicao-de-frigorifico-da-marfrig-em-goias.ghtml>. Acesso em 29 jun. 2020.

<sup>4</sup>MENDES, L. H. Frigorífico da Marfrig no Mato Grosso é suspenso de exportar à China. **Valor Investe**, São Paulo, 29 jun. 2020. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/renda-variavel/empresas/noticia/2020/06/29/frigorifico-da-marfrig-no-mato-grosso-e-suspenso-de-exportar-a-china.ghtml>. Acesso em 29 jun. 2020.

<sup>5</sup>CHINA suspende importações de mais 3 frigoríficos do Brasil, diz ministério. **Notícias Agrícolas**, Campinas, 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/boi/262732-china-suspende-importacoes-de-mais-3-frigorificos-do-brasil-diz-ministerio.html#.XvtH-flKh0x>. Acesso em 30 jun. 2020.

<sup>6</sup>Op. cit. nota 5.

<sup>7</sup>O médico veterinário e virologista da USP, Paulo Eduardo Brandão, em webinar promovido pela Associação Brasileira de Carne Suína (ABCS), informou que as carnes não são agentes de transmissão do coronavírus porque o vírus apenas se desenvolve em células vivas. 333 Latinoamérica. **Webinar ABCS A TRAJETÓRIA DOS CORONAVÍRUS E O IMPACTO CAUSADO NO AGRONEGÓCIO**. 2 jul. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=p8NdPgM8Qxw&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=p8NdPgM8Qxw&feature=emb_title). Acesso em: jul. 2020

<sup>8</sup>BRONZATI, A; ÍTALO, A. Banqueiros falam em 'perigo ambiental'. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, Caderno de Economia, 24 jun. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/06/24/banqueiros-falam-em-perigo-ambiental.htm>. Acesso em 24 jun. 2020.

<sup>9</sup>PINTO, A. DE S. P.; CAGLIARI, A. Investidores e deputados da UE elevam pressão contra desmatamento no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Mercado, p. A14, 24 jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/investidores-e-deputados-da-ue-elevam-pressao-contra-desmatamento-no-brasil.shtml>. Acesso em: 9 jul. 2020.

<sup>10</sup>Op. cit. nota 9.

<sup>11</sup>CAMPOS, A.; BARROS, C. J. A “lavagem de bois” que desmata a Amazônia. **Outras Palavras**, São Paulo, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/a-lavagem-de-bois-que-desmata-a-amazonia/>. Acesso em: jul. 2020.

<sup>12</sup>Exportadores brasileiros propõem testar carne para acalmar China. **Suinocultura Industrial**, Itu, 8 Jul. 2020. Disponível em: <https://www.suinoculturaindustrial.com.br/imprensa/exportadores-brasileiros-propoe-testar-carne-para-acalmar-china/20200708-101917-G464>. Acesso em 9 Jun. 2020.

<sup>13</sup>AGUIAR, C. A. A política internacional x comércio exterior x globalização x desigualdade global. São Paulo, 23 jun. 2020. (Webinar promovido pela FIA). Disponível em: <https://fia.com.br/palestras/a-politica-internacional-x-comercio-exterior-x-globalizacao-x-desigualdade-global/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

<sup>14</sup>Op. cit. nota 13.

<sup>15</sup>BERALDO, P. "Brasil está voltando ao Mapa da Fome", diz membro da ONU. **Terra**, São Paulo, 12 Maio 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/brasil-esta-voltando-ao-mapa-da-fome-diz-membro-da-onu,b3675cf687f8e28d3525eaff3b295a1cae29i9n5.html>. Acesso em: 9 jul. 2020.

**Palavras-chave:** carnes, covid-19, frigoríficos, exportações, questão sanitária e ambiental.

Rosana de Oliveira Pithan e Silva  
Pesquisadora do IEA  
[rosana.pithan@sp.gov.br](mailto:rosana.pithan@sp.gov.br)

Liberado para publicação em: 14/07/2020